

**NARRATIVAS E REFLEXÕES  
SOBRE O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DE SABERES**

Rachel Monteiro Wyatt (UNIGRANRIO)

[kra.w@hotmail.com](mailto:kra.w@hotmail.com)

Jurema Rosa Lopes (UNIGRANRIO)

[jlopes@unigranrio.edu.br](mailto:jlopes@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

Partimos da premissa de que a figura do professor é aquela que media o aprendizado e é capaz de estimular o aluno na busca de novos saberes que podem ser aceitos ou refutados. Esses saberes, incorporados à nossa experiência, formam e transformam nossas identidades. Nesta reflexão questionamos a necessidade de estabelecer uma relação dialógica entre professor e aluno para que ocorra a legitimação de novos saberes. Como caminho metodológico consideramos a narrativa de um professor que desenvolve suas atividades docentes junto aos alunos do nono ano do ensino fundamental em Belford Roxo Baixada Fluminense. A narrativa ao nos aproximar da experiência do outro, adiciona novos fatos à nossa experiência, o que nos permite saber quem somos e em quem estamos nos tornando. Portanto ela é o núcleo que abriga o debate obscuro de todo ser humano consigo mesmo, numa configuração sempre singular. Os dados foram coletados através de entrevista na Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy. Os resultados mostram que o diálogo favorece a aproximação entre professor e aluno. Da aproximação professor-aluno é que pode surgir um posicionamento mais ou menos ativo para se tentar uma saída e ir à procura de outra maneira de governar a sua existência. Essa aproximação pode ser condição para emancipação do aluno ao usar sua própria inteligência no ato de aprender estimulado pela inteligência do mestre, isso porque no ato de ensinar existem duas inteligências e duas vontades: a do professor e a do aluno.

**Palavras-chave:** Narrativa. Saber. Experiência.

**1. Introdução**

A presente reflexão é um recorte de uma pesquisa mais ampla intitulada “Corpo urbano, legado histórico, possibilidades e direitos”, que numa perspectiva interdisciplinar teve como objetivo, analisar o percurso de formação de professores egressos da Educação de Jovens e Adultos na Baixada Fluminense. Nesta reflexão questionamos a necessidade de se estabelecer uma relação dialógica entre professor e aluno para que ocorra a legitimação de novos saberes. Consideramos a narrativa do professor de biologia, identificado como Lúcio, que desenvolve suas atividades docentes junto aos alunos do nono ano do ensino fundamental no município de Belford Roxo-Baixada Fluminense, local onde viveu até sua adoles-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cência e que no percurso de sua escolarização foi aluno da Educação de Jovens e Adultos.

A narrativa, quanto ao caminho metodológico adotado, privilegia a atividade de trabalho no encontro e reencontro entre trabalhadores, de um lado, o professor entrevistado, de outro, os pesquisadores-professores entrevistadores. A expectativa do encontro, desperta reflexões sobre si próprio em ambos, posto que se trata de seres humanos em relação estudando experiências de outros seres humanos em suas relações.

O que se apreende na relação entrevistado e entrevistadores são saberes que podem ser aceitos ou refutados. Esses saberes, incorporados à nossa experiência, formam e transformam nossas identidades. Nesse sentido a narrativa ao nos aproximar da experiência do outro, adiciona novos fatos à nossa experiência, o que nos permite saber quem somos e em quem estamos nos tornando. Portanto ela é o núcleo que abriga o debate obscuro de todo ser humano consigo mesmo, numa configuração sempre singular.

A narrativa produzida pelo entrevistado, na presente reflexão, pode revelar de que modo os processos formativos são facilitadores ou inibidores de processos de transformação nas escolas. As narrativas, ao revelar movimentos de resistência e de desafio ao *status quo* no trabalho docente e na vida dos professores, servem para evidenciar o modo como os discursos do senso comum operam, no sentido de restringir, o campo da formação e da investigação.

Com foco numa abordagem qualitativa, a pesquisa narrativa ao ser estruturada tem como intenção, compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas, mais amplas que os modelos e esquemas fechados. Clandinin e Connely (2011) destacam como uma das teses centrais em sua obra, o foco na educação, especialmente, em questões de como os sujeitos ensinam e aprendem. Segundo os autores, a educação se expressa em forma de experiências e as mesmas acontecem narrativamente. As experiências vividas têm como base o tempo, os seres humanos, a ação e o contexto. O fato de trabalharmos com seres humanos em determinada época, lugares e atividades, nos leva a compreender a pesquisa em constante e contínuo processo de transformação, uma vez que diz respeito à dinamicidade que envolve vidas e histórias compostas e narradas.

Considerando a atividade de trabalho do entrevistado e dos entrevistadores, com base em Yves Schwartz (2000) podemos dizer que é

próprio da atividade humana, julgamentos, escolhas e tensões permanentes. Esse processo (julgamentos, escolhas e tensões permanentes) nos remete à questão do ponto de vista que se movimenta permanentemente. Mas, nos indagamos: - existe distinção entre conhecimento, saber e experiência? Na perspectiva de Yves Schwartz, o *conhecimento* apoia-se em definições que não reconhecem o ser humano no processo de produção dos mesmos, nem os limites da validade e condições históricas desse conhecimento, apoia-se na neutralidade das suas condições particulares. O *saber* ao contrário tem como ponto de partida a atividade humana que se desenvolve e se regenera na dinâmica da atividade local e concreta. O processo de legitimação de saber comporta a *experiência que é* singular e histórica, resulta dos julgamentos e escolhas que emergem de tensões singulares e coloca em evidência reações, diferenciações e orientações abertas ao desconhecido.

## 2. *As descobertas feitas no caminho: “eu aluno levado...”*

A narrativa enquanto processo de legitimação de saber sobre si mesmo, é singular, histórica e inicia a partir das pré-concepções que nos habitam no momento. Ao narrarmos às fases de nossa formação, possibilidades de reflexão e atualização emergem das pré-concepções que habitam o nosso âmago. O processo de descobertas ou legitimação de saberes sobre si mesmo, passa pelo conhecimento daquilo que concebemos que somos, do que pensamos, do que fazemos, do que valorizamos, do que desejamos na relação com outro ser humano. Assim o Prof. Lúcio destaca:

Fui ser professor na escola onde eu estudei para poder concretizar o meu desejo que era o de poder ajudar a escola, os alunos de Belford Roxo. Apesar do que a gente aprontou na escola! Liguei para pedir GLP (GLP- Gratificação por Lotação Prioritária), quem atendeu foi à diretora. Ela se apresentou como, professora Joelma. Perguntei: - Professora Joelma Marinho? – Ela disse sim. Falei: – fui seu aluno. .Ela falou: – que bom, ter um aluno que vai dar aula aqui. Adorei. Qual o seu nome? Falei L. Ela respondeu: - L. A.? Esse nome não me é estranho você é aquele aluno da turma que tinha seis Ls? Respondi: - sim!-Ela respondeu: – só que não lembro qual deles. Amanhã estou te esperando na porta [...] quando cheguei e abri o portão ela olhou pra mim, botou a mão na cabeça e falou: – meu Deus! Você não vai colocar minha escola de cabeça pra baixo de novo? (Prof. Lúcio)

O “desejo que era o de poder ajudar a escola, os alunos de Belford Roxo”, levou o Prof. Lúcio a acreditar que poderia ajudá-los, na escola, local onde viveu até sua adolescência. A narrativa do Prof. Lúcio pode

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

revelar que modo os processos formativos podem ser facilitadores ou inibidores de processos de transformação nas escolas. O fato de comparar-se antes, enquanto aluno e depois, como professor, faz emergir possibilidades que sinalizam novas pistas de ação, por esse motivo destaca “apesar do que a gente aprontou na escola!”. A ex-professora, preocupada com a turma “que tinha seis Ls” ao receber o Prof. Lúcio no portão da escola “olhou [...], botou a mão na cabeça e falou: – meu Deus! Você não vai colocar minha escola de cabeça pra baixo de novo?”. Parece-nos que a professora, tanto em relação ao Lúcio-aluno, quanto na primeira reação diante do Lúcio-professor, desconsidera o fato de que professores e alunos são de gerações diferentes e que os alunos se relacionam socialmente dentro e fora do espaço escolar. Nesse entrelaçamento de valores, novos saberes vão se constituindo. Ao confiarmos que a educação é prática que exige reflexão e compartilhamento, esse intervalo entre as gerações é preenchido pelo novo e pelo desconhecido, de modo que os sujeitos envolvidos caminhem no processo educacional para a compreensão de que sempre há espaço para novos horizontes.

Ao refletir sobre si, o Prof. Lúcio busca em suas recordações relativas à escola: pessoas significativas, acontecimentos pessoais, identificação e diferenciação com os outros. Assim destaca:

A professora Joelma, deu aula de Educação Moral e Cívica no sexto ano, sétimo, oitavo e nono ano. Ainda era diretora. Ela tinha um negócio comigo porque como eu era muito levado ela ficava me vigiando, tentou me expulsar da escola várias vezes, mas a diretora geral, (ela era adjunta geral) não deixava porque eu tinha cara de bonzinho. Essa diretora geral, não me conhecia, ela era apaixonada por mim, ela falava que eu era uma criança linda então sempre acontecia alguma coisa dentro da escola, não era na sala, não. A professora Joelma vinha atrás de mim e eu falava pra ela: – não fui eu! Não fui eu! Não fui eu! A professora Josemira, a diretora, acreditava em mim. Então a Prof. Joelma falava assim: – olha com três advertências você vai ser expulso da escola! O sonho dela era me ver longe da escola, eu dava muitos problemas na escola. (Prof. Lúcio)

“Ela tinha um negócio comigo porque eu era levado”, a frase nos remete ao possível afastamento entre o aluno-Lúcio e a Prof. Joelma e a aproximação entre o aluno Lúcio e a Professora Josemira (diretora) “que não me conhecia, ela era apaixonada por mim”. A narrativa do Prof. Lúcio, mesmo reconhecendo-se como “levado”, traz à tona sentimentos de afastamento e aproximação na relação professor-aluno. Segundo Marie-Christine Josso (2002), na perspectiva dialética de prazer e sofrimento ou como assinalamos afastamento e aproximação entre professor e aluno, é que pode surgir um posicionamento mais ou menos ativo para se tentar

uma saída e ir à procura de outra maneira de governar a sua existência, por esse motivo o Prof. Lúcio dizia “Não fui eu! [...] A professora Josemira acreditava em mim”. Porém a “Prof. Joelma falava assim: – olha com três advertências você vai ser expulso da escola!”, o Professor Lúcio reconhece, em sua reflexão, as regras da escola por isso recorria sempre a Prof. Josemira, afinal “ela falava que eu era uma criança linda” era na última professora que “o aluno levado” buscava apoio para contornar situações embaraçosas.

### **3. *Eu professor: a relação professor-aluno***

Os alunos levados eu trato bem, com educação, eu os respeito não falo alto, não grito [...] penso: quando eu era aluno e estava aprontando e querendo mostrar que tinha razão, se alguém dissesse o contrário ou gritasse comigo eu enfrentava (...) é o que normalmente acontece. Por experiência própria quando tem algum problema na sala de aula, antes do negócio crescer eu já chamo, converso baixo pergunto quem começou o que começou, porque isso começou e se antes teve alguma coisa? (Prof. Lúcio)

Conforme destaca Marie-Christine Josso (2002), se a experiência é um poderoso caminho do saber-fazer e dos conhecimentos, esta torna um suporte para o Prof. Lúcio ao destacar que “quando eu era aluno e estava aprontando e querendo mostrar que tinha razão, se alguém dissesse o contrário ou gritasse comigo eu enfrentava”. Como aluno “levado” que foi o Prof. Lúcio se mostra atento ao comportamento dos seus alunos, além de narrar que os trata bem. A consciência do que fazia e, talvez, como desejasse ser tratado, possibilita intervir na formação dos seus próprios alunos de forma mais criativa. A consciência do aluno “levado” que foi e o reconhecimento do que se tornou, permite ao Prof. Lúcio, reagrupar o que foi apreendido na sua relação enquanto aluno junto aos seus professores. Esse conhecimento evidencia tensões singulares como uma capacidade de reações programadas e identificação, por isso destaca que, diante de situações conflituosas na escola, ao se interpelado “eu enfrentava (...) é o que normalmente acontece”. Também evidencia uma capacidade de responsabilização e de orientação de modelos culturais, assim destaca “os alunos levados eu trato bem, com educação, eu os respeito, não falo alto, não grito”. A narrativa, como afirma Marie-Christine Josso (2002), congrega e entrelaça experiências que oportuniza interrogar-nos sobre as nossas escolhas, por isso o Prof. Lúcio destaca que “quando tem

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

algum problema na sala de aula, antes do negócio crescer eu já chamo, converso baixo, pergunto quem começou o que começou, porque isso começou e se antes teve alguma coisa”.

**4. Considerações finais**

Os resultados mostram que o diálogo favorece a aproximação entre professor e aluno. Essa aproximação pode ser condição para emancipação do aluno ao usar sua própria inteligência no ato de aprender. A narrativa como caminho metodológico possibilita a descoberta de saberes sobre si mesmo, é singular, histórica e inicia a partir das concepções que nos habitam no momento. Assim, o processo de descobertas ou legitimação de saberes sobre si mesmo, passa pelo conhecimento daquilo que concebemos que somos, do que pensamos, do que fazemos, do que valorizamos, do que desejamos na relação com outro ser humano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Trad.: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: Edufu, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. *Pro-posições*, vol. 11, n. 2, p. 34-50, 2000.

\_\_\_\_\_. Ergologue, est-ce un métier? In: \_\_\_\_\_. *Le paradigme ergologique ou un métier da Philosophie*. Toulouse: OCTARÈS, 2000.